

CONTEÚDOS ATITUDINAIS E A RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA ESCOLAR¹

Armgard Lutz², Taisa Renata Wisch³.

¹ Projeto de pesquisa de iniciação científica, realizado no Curso de Pedagogia da UERGS/ Unidade III de Cruz Alta

² Professora Doutora em Educação, do Curso de Pedagogia da UERGS Orientadora da bolsa de Iniciação científica, apoio da FAPERS - UERGS.E-mail:hepplutz@gmail.com

³ Bolsista de Iniciação Científica FAPERS-UERGS, do curso de Pedagogia da UERGS.

Introdução

A pesquisa se ocupa das abordagens dos conteúdos atitudinais, na proposta pedagógica de escolas e nas práticas pedagógicas como conteúdos e práticas capazes de fortalecer as relações humanas éticas e de prevenir as violências escolares. Os conteúdos atitudinais, entendidos como valores, atitudes, normas, fazem parte da preocupação mundial, dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, e está expressa no relatório para a UNESCO da Comissão Jacques Delors, resultado da Conferência Internacional de Jomtien, 1990, sobre o compromisso mundial com a educação para o século XXI (Delors,1999). A partir das questões como aprender a comportar-se, eficazmente, numa situação de incerteza; como participar da criação do futuro?, os conteúdos atitudinais são traduzidos por dois pilares da educação: aprender a viver com os outros e aprender a ser. Essas aprendizagens são consideradas um dos maiores desafios da educação. Aprender a viver com os outros e portanto com a diversidade, compreendendo a interdependência entre todos os seres humanos do planeta, completa-se com o aprender a ser na medida em que se pretende evitar a estandarização dos comportamentos individuais. O mundo precisa da diversidade de talentos e da capacidade de todos saberem transitar entre as diferenças. A Comissão insiste que à educação cabe contribuir com o desenvolvimento integral da pessoa – espírito e corpo, inteligência e sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade. Diante da realidade de violências no interior das escolas e dos frequentes comentários dos professores sobre alunos sem valores, ausência de valores transmitidos pelas famílias, indisciplinas, incapacidade de organização, de convivência e interações produtivas, pergunta-se como os conteúdos atitudinais estão sendo desenvolvidos e fortalecidos de forma a prevenirem a violência e promoverem práticas inclusivas, alimentarem a justiça curricular, evitando evasões e desequilíbrios acentuados entre a cultura escolar e a cultura dos alunos? Vários pesquisadores apontam que houve mudanças no que é considerado violência, como também, no olhar sobre a questão. No Brasil, as recentes pesquisas apontam preocupações com os conflitos entre alunos na forma de bullying (Silva,2010), com a agressividade entre alunos e dos alunos contra professores, por diferentes motivos e em diferentes níveis de intensidade. Sposito (1998) aponta que não só no Brasil o tema é pouco investigado. O

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

que é caracterizado como violência varia em função da escola, do status de quem fala, da idade e sexo. Autores classificam o conceito de violência em três níveis: violência, incivilidade e violência simbólica ou institucional. No Brasil existe confusão entre violência e agressividade. A violência em geral remete à violência física e o estudo procura discutir a questão da ética e da violência simbólica. Por outro lado, como aponta Bigum (1995) os comportamentos de crianças e jovens de hoje merecem análise cuidadosa considerando que vivem numa complexa pós-modernidade, reconhecendo as contradições geradas pela real complexidade histórica tendo por pano de fundo o capitalismo de consumo, a cultura da mídia, da violência, as pobreza e o domínio pela tecnologia. Analisar as violências nas escolas, limitada a seu interior, é ignorar o complexo de forças que está constituindo esses sujeitos. Há uma forte implicação da mídia na (re) produção de identidades e de formas culturais estudantis. Convém, portanto, analisar pedagogias exteriores ao processo de escolarização. Compreende-se que a atenção às novas subjetividades e identidades estudantis e a relação com os conteúdos atitudinais terá que superar os quadros de referência normativos existentes. Daí a pergunta de que ponto de vista se olha para os estudantes, para as violências e indisciplinas escolares? Há um pânico moral entre professores e pais sobre o suposto desvio dos jovens, não apenas quanto a diversidade, mas em relação a sua alteridade. O alarmante é que o desvio é considerado uma deficiência, incompletude e inadequação. Destaca-se a temática no cenário dos debates sobre as práticas inclusivas que pretendem promover o direito à educação de todos, zerar as injustiças curriculares que tantas evasões escolares produzem e contribuem para o aumento do número de crianças e jovens de rua, na rua, infratores e desqualificados para a conquista da sobrevivência. Zabala (1998) enfatiza que os saberes conhecer e fazer estão em primazia em todas as escolas, enquanto os saberes conviver e ser não são tratados como conteúdos embora sejam fundamentais à aprendizagem. Fernández (2001) reforça essa ideia ao indicar que “a inteligência, os mecanismos cognitivos, trabalham sobre a dramática do sujeito com o suporte das significações”. Zabala (1998) ao definir atitudes, valores e normas, alerta sobre a necessidade de vinculação afetiva com as pessoas significativas que influenciam sobre esses conteúdos a fim de que aconteça a interiorização dos valores. A pesquisa examina se há diferenças de efeitos, especialmente na questão das violências, entre uma escola que organiza de forma intencional e dialógica o desenvolvimento dos conteúdos atitudinais e outra que os aborda ocasional e informalmente. O objetivo da pesquisa é contribuir para o entendimento dos conteúdos atitudinais como parte do currículo escolar e como campo de mobilização preventiva da violência na escola em diálogo com as diferentes concepções culturais de atitudes éticas, de paz e de violência dos alunos.

Metodologia

A metodologia da pesquisa, de caráter qualitativo, desdobrou-se a partir de observações etnográficas, entrevistas com caráter exploratório junto a uma amostra de professores e alunos e complementadas por entrevistas a 50 alunos, distribuídas equitativamente entre as duas escolas. A seleção das duas escolas, campo da pesquisa, com vistas a análise comparativa, observou a seguinte lógica: a) uma escola com proposta pedagógica apresentando indicadores de atenção à formação integral dos alunos e portanto, aos conteúdos atitudinais; b) outra escola, com proposta pedagógica

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

sem indicadores de trabalho longitudinal com os conteúdos atitudinais. O primeiro passo foi a consulta ao Conselho Tutelar de Cruz Alta a fim de obter os índices de ocorrência de situações de agressões em escolas públicas. Uma das escolas foi selecionada com base nessas informações. A pesquisa exploratória foi precedida pelo contato preliminar com as escolas a fim de definir a adesão das mesmas como colaboradoras da pesquisa. As observações nas escolas detiveram-se a momentos de convivência mais espontânea dos alunos. A partir da tabulação dos dados, foram organizados encontros com os professores de cada escola para a análise co-participada, atribuindo-lhes a condição de co-pesquisadores. Os alunos foram envolvidos através da organização de grupos focais tendo como ponto de partida a análise coletiva dos dados das entrevistas. A continuidade da pesquisa está acontecendo através de oficinas, relatórios por alunos e professores e a mobilização de uma rede de comunicação sobre o tema.

Resultados e Discussões

Os dados demonstraram que nos projetos pedagógicos das escolas participantes há ausência da explicitação de uma proposta atenta ao desenvolvimento integral e em específico dos conteúdos atitudinais. Na escola A e B eles são abordados de forma genérica e relacionados a disciplina comportamental. A ausência de um programa intencional e detalhado sobre a abordagem dos conteúdos atitudinais bem como de práticas para uma cultura da convivência negociada, cultura da convivência com os diferentes é apontada pelos alunos como um prejuízo educacional. Alunos que sofrem agressões de vários tipos e em geral, por motivos fúteis e gratuitos, clamam por uma gestão escolar atenta a esse tipo de fatos. As escolas ainda usam em larga escala o recurso de “assinar o livro” de ocorrências e chamar os pais. Tanto os professores quanto os alunos compreendem que tais medidas não estão demonstrando resultados positivos na transformação das relações interpessoais. Dos alunos entrevistados nas duas escolas, 98% desconhecem o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente e sentem que a escola não é o ambiente seguro que deveria ser. Indicam que não há um projeto capaz de envolver a todos e aos pais para tratar dos comportamentos agressivos e vandalismos. Os maus e bons comportamentos não são bem compreendidos porque há muita diferença entre o que acontece na escola e em casa com relação às expectativas dos diferentes adultos. Para os alunos, quando as agressões são tratadas somente no momento em que ocorrem e, em geral, através de uma conversa na sala da direção cujo teor continua desconhecido, não produz transformações no ambiente e nas pessoas que provocam distúrbios. Por sua vez, os professores das duas escolas indicam que há a promoção de várias ações com foco nos conteúdos atitudinais. Numa das escolas, há projetos de estudos enfocando questões tais como a discriminação, os preconceitos bem como há a presença de atividades desenvolvidas pelos jovens de uma igreja. No entanto, os alunos dessa escola, reafirmaram a presença de vários tipos de conflitos entre eles. Noutra escola, os professores reiteram os depoimentos dos alunos sobre a ausência de um plano longitudinal capaz de transformar os alunos em protagonistas da não-violência e da resiliência. As disputas entre alunos de bairros diferentes estão se manifestando no interior da escola, porém, são os alunos, sozinhos ou com o apoio de alguns colegas, que tomam as medidas para se defenderem. Apesar dos pais dos alunos que provocam conflitos serem chamados pela diretora, a inconsistência das negociações

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

encontra na permanência dos problemas, a sua expressão. Disso se ressentem os alunos já que sentem muitas inseguranças e não são discutidas com eles essas questões. Vinha(2002) aponta que a omissão, autoritarismo e inconsistência dos adultos gera clima escolar negativo, instável, porque os alunos tendem a se comunicar mal, não conseguem trabalhar em equipes e os conflitos, a agressividade e o vandalismo aumentam. Comportamentos intoleráveis por parte dos alunos pedem uma reflexão: o que eles nos querem dizer? De onde vem isso? Argumenta ela que se eles não destroem suas casas é porque sentem que o lugar também é seu. Se o fazem na escola, é por não se considerarem parte dela. O sentimento de pertencimento surge quando todos encontram, nas relações humanas e no ambiente físico, sentido, segurança, proteção, apoio e reconhecimento de seus esforços e direitos, quando cada um reconhece que as regras são necessárias e as sanções justas. O sentimento de pertencimento gera respeito pela instituição e pelas pessoas, facilitando a adesão às normas. A escola, fazendo uma análise sobre os momentos que crianças e jovens estão tendo para participar efetivamente, poderá traçar o plano geral e cotidiano para criar o clima escolar positivo e desenvolver o sentimento de pertencimento. A reificação dos alunos em favor dos conteúdos escolares, das avaliações, das normas disciplinares inconsistentes, gera sentimento de não pertencimento a escola e exclusões. Alunos reificados não encontram eco para suas incertezas. Sem o acolhimento de sua cultura e paixões; sem o reconhecimento de sua alteridade, restam as indisciplinas, as violências dos gestos, das agressões verbais, das evasões; restam as violências em forma de agressões gratuitas em que o outro é o inimigo a ser combatido, sendo suficiente, portanto, apenas um olhar para que a luta aconteça. Uma proposta pedagógica menos sustentada pelas normas tradicionais da homogeneização comportamental e mais pela gestão democrática, previne as violências escolares. A experiência do protagonismo seria reveladora de que os alunos de hoje são diferentes e não deficientes, que é justamente na alteridade dos alunos, texturada e mediada pela tecnologia, que a escola encontrará o conteúdo para compor o que é aprender a viver juntos e a ser. Aprender a ver a violência nas escolas é antes de tudo aprender a ver como estão sendo os alunos. Para Yves de La Taille (2008) “Moral, ética e cidadania se aprendem, não são espontâneas”. Com isso, ele reitera a inclusão desses conteúdos como prática cotidiana de estudos e exercícios.

Conclusões

A análise comparativa das duas escolas indica que as propostas pedagógicas não definem um plano de trabalho longitudinal com os conteúdos atitudinais. Embora as expectativas com relação a comportamentos reveladores de valores éticos sejam constantes, não são presenciadas práticas de fortalecimento e ressignificação dos valores. Alguns valores são tratados mediante atividades em datas específicas como a Consciência Negra. O tratamento dispensado pelas escolas a comportamentos agressivos e desrespeitosos é de caráter técnico. Os alunos se ressentem da falta de um programa de estudos relativos a relações interpessoais menos agressivas, a resiliência, bullying e sobre as expectativas dos adultos quanto a disciplina.

Palavras-chave – valores; disciplina; resiliência; pertencimento.

Referências Bibliográficas

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula – uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LA TAILLE, Yves de. Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras. Entrevista a Amanda Polato. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/fala-mestre-yves-la-taille-466838.shtml> Publicado em NOVA ESCOLA Edição 213, Junho/Julho 2008.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. A instituição escolar e a violência. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, no. 104, pp.58-75, jul 1998.

_____; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 345-380, jul./dez. 2004. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>

VINHA, Telma Pileggi. Os conflitos interpessoais na escola: problemas a serem resolvidos ou oportunidades de aprendizagem? In: ASSIS, Orly Mantovani de; ASSIS, Mucio Camargo de (orgs.) Fundamentos teóricos da Educação infantil. São Paulo: LPG/Faculdade de Educação Unicamp. Graf. FE, 2002, p.202-218. Disponível em <http://www.docstoc.com/docs/111475097/Os-conflitos-interpessoais-na-escola>

ZABALA, Antoni. A prática educativa. Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.